

A teologia da libertação e a mística do MST: a luta que transcende a terra

Régis Clemente da Costa*

[...] gritando palavras de ordem, como 'dom Hélder vive, viva dom Hélder. [...] a bandeira do MST [foi colocada] sobre seu caixão, como reconhecimento da importância que teve e tem dom Hélder para a história brasileira (JORNAL, 1999, p. 17).

Introdução

A trajetória da Igreja Católica no Brasil, na segunda metade do século XX, é marcada por sua atuação junto às causas sociais. Essa atuação visava, principalmente, organizar as pessoas vítimas da exploração capitalista, em seus contextos de vida e de trabalho, com vistas à transformação social, à luz dos princípios e valores cristãos.

A Igreja Católica, juntamente com outras igrejas cristãs, elabora a Teologia da Libertação, como uma nova forma de se fazer teologia, buscando responder a problemas econômicos e sociais.

No que se refere à Igreja Católica no Brasil, podemos destacar o papel exercido por ela na criação da Ação Católica, na Ação Popular (AP), no Movimento de Educação de Base (MEB), ao longo do século XX, mais precisamente a partir de 1950. Nesse contexto, está também a inserção da igreja junto aos trabalhadores na luta pela terra que desencadeou a fundação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra¹ (MST), no ano de 1984.

No processo luta pela terra e da fundação do MST, a presença da igreja se dava, e ainda hoje se dá, principalmente por meio da CPT², das CEBs e da Teologia da

* Doutor e mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Bacharel em Ciências da Religião, licenciado em Filosofia e Pedagogia. Professor Adjunto na Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Laranjeiras do Sul, PR. Pesquisador do Grupo de Pesquisa História, intelectuais e educação no Brasil e no contexto internacional (GEPHIED).

E-mail: rclementecosta@yahoo.com.br

¹ Neste artigo utilizamos o termo Sem Terra, sem hífen, tal como o MST.

² A Comissão Pastoral da Terra (CPT) nasceu em junho de 1975, durante o Encontro de Bispos e Prelados da Amazônia, convocado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizado em Goiânia

Libertação. As ações da Igreja Católica se inseriam num contexto em que a prática era elemento fundamental, pois acreditava-se que a transformação da realidade viria por meio das ações e não somente da fé. A fé, no entanto, se tornava elemento importante no fortalecimento da luta. As contribuições da Igreja Católica, por meio dos religiosos ligados à Teologia da Libertação, estão presentes também na mística vivenciada no MST.

Nesse sentido, esse artigo tem como objetivo discutir as relações entre a Teologia da Libertação e a mística no MST, buscando evidenciar as suas contribuições para a luta pela terra e para a transformação social. Para isso, abordaremos primeiramente as influências da Igreja Católica no nascimento do MST e, em seguida, as contribuições da Teologia da Libertação para a mística presente no Movimento e no processo de luta pela terra e por transformação social.

As discussões que sustentam esse artigo estão amparadas em pesquisa bibliográfica e documental. As fontes pesquisadas são documentos, jornais e revistas do MST e da Igreja Católica, assim como obras sobre a Teologia da Libertação.

Consideramos fecundo discutir essas temáticas com base no aporte teórico de Antonio Gramsci, no que diz respeito à modificação do ambiente cultural a partir da ação do intelectual orgânico como organizador da cultura (GRAMSCI, 2001). A perspectiva de Gramsci é de que o intelectual está inserido na concepção de um projeto de sociedade e na sua execução, objetivando a transformação social.

A modificação do ambiente cultural, a que se refere Gramsci, se relaciona às práticas culturais que são produzidas e se voltam à compreensão da realidade. Ele fundamenta que a construção de um projeto societário se dará a partir da cultura, entendida como uma função prática e como concepção do mundo (COSTA, 2018).

Nesse sentido, faz-se necessário, a partir da filosofia da práxis, que se construa uma nova cultura, de maneira a dar outro significado à verdade, uma vez que ela é revolucionária. Essa nova cultura a que se refere Gramsci, está ligada à realidade, às necessidades e aos interesses dos trabalhadores e só será possível por meio da ação dos intelectuais orgânicos que as classes subalternas tenham criado, assevera Costa (2018).

As formulações teóricas de Gramsci se justificam nesse estudo, pois os sujeitos engajados na luta do MST são partícipes da construção de um projeto de sociedade e de sua execução, orgânicos à classe que pertencem. Nesse contexto, tem, na mística, a

(GO). Foi fundada em plena ditadura militar, como resposta à grave situação vivida pelos trabalhadores rurais, posseiros e peões, sobretudo na Amazônia (HISTÓRICO, 2010); (POLETTTO; CANUTO, 2002).

força que move e alimenta o desejo da permanência e da continuidade na luta, atuando nas causas que transcendem a conquista da terra.

A Igreja Católica e o nascimento do MST

A Igreja Católica no Brasil tem contribuições importantes no nascimento do MST, no ano de 1984. Esse contexto, envolvendo parte da igreja no Brasil e na América Latina, está relacionado às mudanças na forma da igreja atuar junto à sociedade.

Essas mudanças ocorreram, principalmente, a partir da publicação da Carta Encíclica *Rerum Novarum*, em 1891, pelo papa Leão XIII. Por meio dessa encíclica, a Igreja Católica se posiciona sobre as condições do operariado na Europa. Dentre outras questões, a encíclica defende a propriedade privada, nega as soluções apresentadas pelo socialismo e aponta a caridade e a colaboração como forma de se alcançar as mudanças sociais e prevê o direito dos operários a se organizarem em associações (CARTA, 2020).

Essa encíclica é publicada no contexto em que o partido comunista estava presente em vários países europeus. A *Rerum Novarum*, nesse sentido, é também uma reação da Igreja Católica à adesão dos trabalhadores às ideias e as ações oriundas das correntes de pensamento ligadas a Karl Marx.

Na esteira das ações da igreja voltadas às questões sociais, no início do século XX, é fundada a Ação Católica no Brasil³. Porém, é a partir da segunda metade desse século, que há uma guinada na atuação da igreja com vistas à transformação social. Como marco desse processo, estão: a criação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), o Concílio Vaticano II (1962-1965), as Conferências de Medellín (1968) e de Puebla (1979) e a formulação da Teologia da Libertação.

No que se refere à Teologia da Libertação, Clodovis Boff e Leonardo Boff (1986) afirmam que ela não é exclusiva de teólogos católicos. Os principais teólogos que estiveram presentes na formulação dessa teologia são “Gustavo Gutiérrez, Segundo Galilea, Juan Luís Segundo, Lúcio Gera e outros” (BOFF; BOFF, 1986, p. 97) do lado católico e “Emílio Castro, Júlio de Santa Ana, Ruben Alves e José Míguez Bonino que começaram, mediante frequentes encontros, a aprofundar as reflexões sobre a relação

³ A Ação Católica Brasileira (ACB) é oficialmente instituída com os Mandamentos dos Bispos do Brasil, de 9 de junho de 1935. (AÇÃO, 2022).

entre fé e pobreza, evangelho e justiça social”, do lado protestante (BOFF; BOFF, 1986, p. 97).

A Teologia da Libertação é a expressão de um movimento que surgiu antes desses escritos teológicos, segundo Michel Löwi (2016). Nesse movimento, estavam envolvidos padres, ordens religiosas, bispos, movimentos religiosos laicos, Ação Católica, CEBs, organizações populares. “Sem a existência desse movimento social não poderíamos entender fenômenos sociais e históricos de tal importância como a emergência do novo movimento operário no Brasil e o surgimento da revolução na América Central” (LÖWI, 2016, p. 74).

Do lado católico, os teólogos baseavam-se nas reflexões oriundas do Concílio Vaticano II (1962-1965), que havia proporcionado maior abertura da Igreja Católica às questões sociais, bem como à atualização teológica e sua aplicação pastoral por uma igreja renovada. Tais práticas ganharam corpo no contexto de desigualdade social na América Latina.

Em março de 1964, aconteceu um encontro de teólogos Latino- Americanos em Petrópolis e Gustavo Gutiérrez apresentou a Teologia como reflexão crítica sobre a práxis comprometida dos cristãos. A partir daí, surgem, cada vez mais, reflexões a respeito dessa nova Teologia, com dois encontros realizados na cidade de Bogotá, na Colômbia, nos anos de 1970 e 1971 (BOFF; BOFF, 1986).

Conforme a definição de Schlesinger e Porto (1995, p. 2492), sobre o significado da Teologia da Libertação, podemos observar que ela

[...] supõe uma leitura socioanalítica da realidade que detecte as causas geradoras de dependência e de dominação. A luz da fé cristã denuncia o pecado estrutural e social anunciando as mediações necessárias para encarar a libertação de Jesus Cristo.

Ainda sobre a definição da Teologia da Libertação, Gustavo Gutiérrez afirma que

Libertação exprime, em primeiro lugar, as aspirações das classes sociais e dos povos oprimidos, e sublinha o aspecto conflituoso do processo econômico, social e político que os opõe às classes opressoras e aos povos opulentos [...] A conquista paulatina de uma liberdade real e criadora leva a uma permanente revolução cultural, à construção de um homem novo, a uma sociedade qualitativamente diferente (GUTIERREZ, 1975, p. 75).

O caminho trilhado pela Teologia da Libertação levava em conta o evangelho e as condições de vida do povo latino-americano e, nesse momento, esse caminho já estava definido, como relatam Boff e Boff (1986, p. 98). “Estava aberto o caminho para uma teologia feita a partir da periferia e articulada com as questões desta periferia que representavam e continuam representando, ainda, um imenso desafio à missão evangelizadora das Igrejas”.

Os meios encontrados pela Teologia da Libertação para colocar em prática suas ações transformadoras foi através da articulação e organização do povo historicamente explorado, onde a mesma se via envolvida em duas faces, “a das angústias por causa da fome, enfermidades, analfabetismo, miséria, injustiças (Puebla 26) e a das esperanças por libertação, participação e comunhão (Puebla 24)” (BOFF; BOFF, 1979, p. 12).

A Teologia da Libertação surge com a participação direta de teólogos da Igreja Católica e dá novo rosto à igreja no Brasil com a perspectiva libertadora e, conseqüentemente, contrária às formas de dominação e exclusão que outrora defendera. Para realizar tal proposta, a Teologia da Libertação em sua ação motivou a organização e articulação do povo, principalmente por meio dos movimentos sociais, dentre eles, o MST.

Na Igreja Católica, a influência da Teologia da Libertação nos movimentos sociais e, nesse caso, o MST, se constituiu através das CEBs e da CPT. Em Stedile e Fernandes (1999, p. 20) podemos observar que

[...] foi a aplicação da Teologia da Libertação na prática, que trouxe uma contribuição importante para a luta dos camponeses pelo prisma ideológico. Os padres, agentes de pastorais, religiosos e pastores discutiam com os camponeses a necessidade de eles se organizarem. A Igreja parou de fazer um trabalho messiânico e de dizer ao camponês: ‘Espera que tu terás terra no céu’. Pelo contrário, passou a dizer: ‘Tu precisas te organizar para lutar e resolver os teus problemas aqui na Terra’.

Nesse período da trajetória da Igreja Católica no Brasil, ela está inserida na sociedade a fim de promover não somente as ações de cunho espiritual, mas também social. Muitos religiosos pertencentes à Igreja Católica se inseriram na luta dos camponeses e participavam diretamente das resistências em favor da reforma agrária, como Dom Pedro Casaldáliga, no Mato Grosso; Dom José Gomes, em Santa Catarina; Dom Tomás Balduino, em Goiás (FERNANDES, 2001, p. 44).

Nesse contexto de lutas e resistências, a Igreja Católica teve papel fundamental, pois além de dar suporte, animava e organizava os camponeses e, com isso, muitas forças emanaram do meio do povo camponês, fazendo frente ao latifúndio.

Quando decisivamente se oficializou o nascimento do MST, em janeiro de 1984, os trabalhadores estavam reunidos no Primeiro Encontro Nacional dos Sem Terra, no Centro Diocesano de Formação na cidade de Cascavel, PR. Nesse encontro, é fundado oficialmente o MST.

[...] o Primeiro Encontro Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra com a participação de 92 pessoas: sem-terra, sindicalistas, agentes de pastoral e assessores. O evento representou, antes de mais nada, uma vitória. Após várias conquistas de terras e da caminhada em direção à unificação e formalização das ações das lutas camponesas, os sem-terra fundavam sua organização (FERNANDES, 2001, p. 79)

O MST nasce no momento em que o país vivia sob a ditadura militar (1964-1985) e tem suas raízes nos movimentos de luta pela terra que o antecederam.

No início da década de 80, as experiências com ocupações de terras nos estados do Sul, São Paulo e Mato Grosso do Sul reuniram os trabalhadores que iniciaram o processo de formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. A construção do Movimento se constituiu na interação com outras instituições, especialmente a Igreja Católica, por meio da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Aprendendo com a história da formação camponesa, na sua caminhada, o MST construiu o seu espaço político, garantindo a sua autonomia, uma das diferenças com outros movimentos que o precederam (FERNANDES, 2001, p. 47).

É de se notar o elemento histórico do MST, no qual está embutida a história da luta camponesa brasileira. Em Fernandes (2001, p. 50), podemos observar que essa gestação vai de “1979 a 1984, reuniu e articulou as primeiras experiências de ocupação de terra, bem como as reuniões e os encontros que proporcionaram, em 1984, o nascimento do MST”.

A gestação do MST tinha como objetivo ser um movimento nacional. Nesse sentido, as lutas são articuladas por todo o país inaugurando um novo período de lutas camponesas no Brasil (FERNANDES, 2001).

Nesse processo, novamente se evidencia o papel desempenhado pela Igreja Católica no nascimento do MST e na sua organização em nível nacional, devido a sua

presença nas diversas regiões do país. O destaque à atuação da Igreja Católica e a articulação das lutas do MST em nível nacional são destacadas também por Caldart (2000).

Como já apontado, a atuação da Igreja Católica junto aos movimentos sociais e, nesse caso, o MST se dava por meio da CPT, das CEBs, com base nas formulações oriundas da Teologia da Libertação. Esse apontamento é importante no sentido de apresentar o que se propunha a Teologia da Libertação: fazer a ligação do evangelho com a vida concreta do povo, em vista da sua libertação.

A Teologia da Libertação e a Mística no MST

Como podemos constatar, a Igreja Católica e Teologia da Libertação marcam significativamente o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra com seus princípios e objetivos referentes à religiosidade e à fé do povo. As práticas religiosas, no entanto, ganharam novo significado com a leitura feita por essa corrente teológica.

Para Boff e Boff (1979, p. 11-12) a Teologia da Libertação nasce da mística do pobre

No fundamento da Teologia da Libertação se encontra uma mística: o encontro com o senhor no pobre que hoje é toda uma classe de marginalizados e explorados de nossa sociedade caracterizada por um capitalismo dependente, associado e excludente.

A partir desta afirmação dos irmãos Boff, constata-se, mais incisivamente, o ponto de partida para nossa análise sobre a mística no MST, somada à presença marcante da Teologia da Libertação no Movimento.

Segundo Leonardo Boff, a mística é adjetivo de mistério, porém mais envolvido no âmbito religioso de mística. Ele define alguns sentidos para a mística como: antropológico-existencial, o sentido religioso, o sentido cristão e o sentido sócio-político, abordado de maneira ampliada em Boff (1998).

Em relação ao sentido sócio-político da mística, Peloso (1998, p. 9) afirma que a mística é a “alma da esquerda” que produz a garra necessária para combater as injustiças e a disposição para empenhar-se, desde já, na concretização histórica de nossos sonhos”. Destaca, ainda, o compromisso político das pessoas que tomam a história na mão e passam da motivação à rebeldia e se organizam, sem aprisionarem-se às estruturas (PELOSO, 1998).

Não obstante, a mística está diretamente vinculada à esperança, à utopia e à libertação. É força que move e alimenta o desejo da continuidade na luta. Seu significado simbólico transcende a luta pela terra e se imbuí de uma razão maior, que é a transformação social.

Leonardo Boff (1998, p. 38), ainda em referência à mística afirma que

[...] não há militância sem paixão e mística, pouco importa a natureza da causa, seja religiosa, humanista ou política. O militante vive no mundo das excelências e dos valores em funções dos quais vale gastar tempo, arrostar riscos e empenhar a própria vida. Aqui se trata não de ter ideias, mas de viver convicções. São estas que mudam as práticas e estas transformam as relações sociais.

Os elementos relatados por Boff alimentam as lutas e colaboram na superação dos desafios, das dificuldades encontradas nessas mesmas lutas.

Para o Movimento, a mística é um dos elementos de destaque, no contexto da luta pela terra e está diretamente vinculada à esperança, à utopia e à libertação. A mística é também “a razão da persistência” (MST, 2001, p. 227). Ainda, de acordo com o MST, a mística “para os Sem Terra é mais do que uma palavra ou um conceito. É uma condição de vida que se estrutura através das relações entre pessoas e as coisas no mundo material. Entre ideias e utopia no mundo ideal” (MST, 2001, p. 227).

Na perspectiva apresentada por Boff, o MST mantém a conotação de mistério dado à mística. Tal mistério é o que envolve “por exemplo a persistência na luta por longos anos. Embora se tenha alcançado o que é preciso para viver, continua-se lutando sem perder nunca a motivação” (MST, 2001, p. 227).

Definido o sentido de mística, voltamos à questão das influências da Teologia da Libertação na mística do MST.

O bispo católico Dom Tomás Balduino, que exerceu a presidência da CPT nacional, citando Gutiérrez, afirma que a teologia é uma sistematização, um ato segundo. “O ato primeiro é aquilo que o povo realiza: o crer, o agir. O ato segundo é tomar este crer e esta ação refletindo, comparando com o pluralismo da nossa sociedade, com as diferenças, com as diversidades, com as alteridades” (COSTA, 2003, p. 74).

No *Caderno de Formação* nº 27 do MST (1998), evidencia-se a relação ecumênica da Teologia da Libertação no MST: “Desenvolvemos uma mística vinculada à prática [...] influenciados, em especial, pelo trabalho pastoral das Igrejas Católicas e Luterana e pela experiência acumulada pelas organizações que nos antecederam” (MST, 1998, p. 5).

A mística no MST teve a influência da Teologia da Libertação, no entanto, ela se liga à realidade mais concreta do povo. Ela dispensa os rituais historicamente elaborados como as liturgias católicas ou evangélicas pela formalidade que possuem.

O aprendizado através da experiência com as igrejas deu cada vez mais qualidade às ações do MST, inclusive no que diz respeito à relação com o transcendente, com o divino, com o místico. Com a religiosidade, essa experiência de lutas anteriores levou ao crescimento e amadurecimento de tais ações. Stedile e Fernandes (1999) afirmam existirem dúvidas para alguns sobre a participação de militantes de esquerda em atividades religiosas, como a missa católica. “Como é que nós, que somos de esquerda, vamos sempre à missa? Ao contrário, a nossa base usa a fé religiosa que tem para alimentar a sua luta, que é uma luta de esquerda, que é uma luta contra o Estado e contra o capital” (STEDILE; FERNANDES, 1999, p. 131),

Nesse mesmo sentido, Morissawa (2001) salienta que a mística para o MST foi influenciada pela Teologia da Libertação, no entanto, a forma como se vivencia é própria do Movimento.

É importante destacar, além da influência da Teologia da Libertação, a identificação de conceitos da concepção de Karl Marx, quando se referem ao proletariado. Outras questões de ordem econômica, política e social são analisadas pelo MST sob a ótica do pensamento de Marx.

Nessa perspectiva, a mística também está inserida no ideário das lutas socialistas, em que o Movimento realça o desejo de que a prática da mística envolva todos os militantes e que ela

[...] seja exercida em todos os setores, instâncias, escolas, cooperativas, acampamentos e assentamentos. Da mesma forma, queremos que ela seja exercitada por outras organizações que têm os mesmos ideais e propósito de construir uma sociedade socialista (MST, 1998, p. 5).

A partir dessa afirmação podemos observar que o sentido dado à mística extrapola o religioso e se insere nos processos de luta em vista à transformação social e à efetivação de outro projeto de sociedade.

Segundo Fernandes (2001, p. 189), para o MST, a mística tomou-se “um ato cultural, em que os sem-terra trabalham diversas formas de linguagem para representarem suas lutas e esperanças. É espaço/tempo de confraternização, de aprendizagem e, portanto, de construção de conhecimento e da consciência da luta”.

Abordando a temática em *Algumas lições de pedagogia*, o Boletim de Educação do MST, refere-se à mística como sendo a alma dos lutadores do povo e ainda que no MST ela

[...] tem uma dimensão educativa muito importante: para os militantes mais antigos, ajuda a cultivar os valores e a memória simbólica que os mantêm a caminho; para as novas gerações ou para um cada sem-terra que entra no Movimento, ajuda na disposição pessoal de entrar no processo de vivenciar as ações de forma mais humana e plena, sendo uma espécie de *ritual de acolhida*, que faz as pessoas se sentirem parte do Movimento, mesmo antes de conhecer toda sua dinâmica. Cultivar a mística é parte fundamental do que entendemos por formação humana (MST, 2001, p. 29).

Nesse contexto, a mística se apresenta no MST como colaboradora na formação humana, no resgate da história da luta, e no fortalecimento da identidade dos integrantes e militantes do Movimento.

A mística no MST envolve tanto os seus integrantes, como também, aqueles que comungam da mesma causa, como o caso de Dom Hélder Câmara, falecido em 1999. Na ocasião do seu sepultamento, o bispo Dom Marcelo Carvalheira, destacou a opção de Dom Hélder pela Teologia da Libertação. Num ato religioso marcado pela presença de grande número de pessoas se gritava palavras de ordem, como “dom Hélder vive, viva dom Hélder”. [...] e a bandeira do MST colocada sobre o caixão, como reconhecimento da importância que teve e tem dom Hélder para a história brasileira” (JORNAL, 1999, p. 17).

Outro bispo católico com grande contribuição da mística e na luta do MST é Pedro Casaldáliga. Esse bispo, falando aos integrantes do Movimento sobre a questão de ocupar ou não as terras, afirma que

A própria igreja, nós bispos, padres, às vezes temos faltado nesse particular achando que a propriedade privada é um direito sacratíssimo que deve ser respeitado a toda custa, que ninguém pode pisar na propriedade privada de ninguém. Vejam bem: quando a propriedade privada, priva outras pessoas de viver, priva outras pessoas de comer, priva outras pessoas da paz e da liberdade, ela é um roubo (COSTA, 2003).

A contribuição e a luta pela reforma agrária no Brasil envolvendo bispos e demais religiosos ligados Igreja Católica é reconhecida pelo MST. Algumas dessas lideranças religiosas receberam como homenagem e memória o nome de Assentamentos, como o

caso de Dom Hélder, Dom Tomás Balduino, Dom Pedro Casaldáliga, Irmã Alberta⁴, dentre outros.

Dom Tomás, na ocasião em que foi homenageado, dando nome ao Assentamento, destaca

A gente fica agradecido no sentido de reconhecer alguma coisa feita, mas o que eu vejo desta atitude é um certo consenso de todos que ali estão ou dos promotores daquele assentamento numa linha libertadora, numa reforma agrária popular, constitucional, massiva. É a linha que a gente tem. Então o nome, muitas vezes, é a causa que está por trás, porque eu amo, porque eu me identifico com vários companheiros e companheiras que estão na luta e eles dão uma contribuição muito grande no processo de transformação de mudança no nosso país, sobretudo na direção do campo (COSTA, 2003).

A ação do MST em reconhecer aqueles que estiveram inseridos diretamente na luta pela terra e pela transformação social é parte da memória das lutas, ao mesmo tempo em que é parte da mística, no sentido do reconhecimento das trajetórias militantes. A mística, portanto, é a força motivadora, o combustível que mantém a vontade de lutar e a coragem de avançar rumo à transformação social.

Considerações finais

Essa discussão privilegiou a contextualização das contribuições da Igreja Católica no nascimento do MST, e da Teologia da Libertação na mística do Movimento.

É possível inferir que a contribuição da Igreja Católica nas causas sociais acontece de maneira mais direta, após segunda metade do Século XX, com a guinada nas ações e práticas, com críticas ao sistema capitalista, com vistas à transformação social. Esse processo ocorre por meio da Ação Católica, Ação Popular, MEB, criação das CEBs, com o Concílio Vaticano II, as Conferências Episcopais de Medellín e Puebla, a formulação da Teologia da Libertação, a CPT, entre outras. Com essa nova postura, a Igreja Católica no Brasil e na América Latina, em grande parte, rompe com seu passado de convivência e contribuição com o projeto colonizador e dominador português.

O contexto mais amplo das ações de parte da Igreja Católica, a partir de 1950, era buscar meios de promover a transformação social, desenvolvendo ações para além

⁴ Religiosa Orionita, de origem italiana, nasceu em 1921. Chegou ao Brasil em 1971. A partir de 1997, se instala na capital paulista. Atuou junto ao MST, CPT e aos moradores de rua. Foi homenageada pelo MST ao batizar o Assentamento próximo à Rodovia Anhanguera, em São Paulo, com o seu nome. Faleceu no dia 30/12/ 2018, aos 97 anos (AOS 97 ANOS, 2018).

daquelas de cunho meramente espiritual. Não se tratava de negar os valores cristãos e a fé do povo, mas sim, de colocar esses valores a serviço da transformação social. Nesse contexto, religiosos católicos e protestantes, formulam uma nova teologia que respondesse a essa nova postura. Portanto, é dessa realidade que nasce a Teologia da Libertação.

O MST nasce no ano de 1984 como resultado das ações das Igrejas Cristãs, mais especificamente da Igreja Católica. O Movimento nasce também das várias lutas protagonizadas pelos camponeses no Brasil, tendo na mística, a força para seguir na caminhada. A mística no MST tem as contribuições da Teologia da Libertação e é evidenciada quando observamos que a luta não se restringe à conquista da terra, mas também, perpassa o cotidiano das pessoas, reforçando a esperança e sendo fonte de força na caminhada rumo à transformação social.

Nesse sentido, é possível afirmar que a mística no Movimento se insere numa compreensão mais ampla de cultura, de processo de formação da consciência social, de modo a contribuir para as relações cotidianas dos trabalhadores e na construção do projeto de sociedade que desejam efetivar.

Retomando o conceito gramsciano de intelectual orgânico e organizador da cultura, é possível observar que a definição de mística difundida pelos formuladores da Teologia da Libertação e vivenciada no MST contribui, sobremaneira, para a ação concreta dos trabalhadores ligados ao Movimento seja na elaboração do projeto de sociedade que desejam construir, seja na efetivação desse projeto. Na perspectiva de Gramsci (2001), o intelectual orgânico, responsável pela elaboração e execução de um projeto societário precisa estar vinculado a uma concepção de mundo, ou seja, à construção de uma mudança que é cultural, como aponta Costa (2019).

A mística, tal qual vivenciada no Movimento, contribui para o fortalecimento do sentido da luta, para a vinculação dos trabalhadores na concepção de mundo e nas ações que buscam a conquista e a permanência na terra e, também, nas lutas pela superação da exploração capitalista, com vistas à transformação social.

Referências

AÇÃO Católica Brasileira, ACB. **Fundos**. Disponível em:

http://www4.pucsp.br/cedic/semui/fundos/acao_catolica_brasileira.html. Acesso em: 19 fev. 2022.

AOS 97 ANOS, falece Irmã Alberta. **Brasil de Fato**, 30 de dez. 2018. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2018/12/30/aos-97-anos-falece-irma-alberta-uma-lutadora->

incansavel#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20de%20Irm%C3%A3%20Alberta,pelo%20regime%20de%20Benito%20Mussolini. Acesso em: 15 mar. 2022.

BOFF, L.; BOFF, C. **Como fazer Teologia da Libertação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOFF, L.; BOFF, C. **da Libertação**: O teológico das libertações sócio-históricas. Petrópolis: Vozes, 1979.

BOFF, L. Alimentar nossa mística. In: MST. **Mística**: Uma necessidade no trabalho popular e organizativo. Caderno de formação, v. 27. São Paulo: Peres, 1998.

CALDAT, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: escola e mais do que escola na... Petrópolis: Vozes, 2000.

CARTA encíclica Rerum Novarum do sumo pontífice papa Leão XIII. **Libreria Editrice Vaticana**.

Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html. Acesso em: 10 fev. 2022.

COSTA, R. C. da. **Em que creem os revolucionários**: O MST e a luta que transcende a terra. Monografia. (Bacharelado em Ciências da Religião). Faculdades Integradas Claretianas. São Paulo, p. 125, 2003.

COSTA, R. C. da. **José Rodrigues Vieira Netto**: intelectual orgânico, professor brilhante, advogado perseguido, cidadão sem direitos (1945-1973). 375f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

COSTA, R. C. da. A práxis marxista e o intelectual orgânico em Gramsci: a emancipação humana como horizonte. **Germinal**: Marxismo e Educação em Debate. v. 11, n. 3, p. 235-247, 2019.

FERNANDES, B. M. **A formação do MST no Brasil**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GUTIÉRREZ, G. **Teologia da Libertação**: perspectivas. São Paulo: Loyola, 2000.

HISTÓRICO. **Comissão Pastoral da Terra**. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/sobre-nos/historico>. Acesso em: 10 fev. 2022.

JORNAL dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. São Paulo, setembro/1999.

LÖWI, M. **O que é cristianismo de libertação**: religião e política na América Latina. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Expressão Popular, 2016.

MST. **Mística**: Uma necessidade no trabalho popular e organizativo Caderno de formação v. 27. São Paulo: Peres, 1998.

MORISSAWA, M. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Construindo o Caminho**. São Paulo: MST, 2001.

PELOSO, R. A força que anima os militantes. In: MST. **Mística**: Uma necessidade no trabalho popular e organizativo. Caderno de formação, v. 27. São Paulo: Peres, 1998.

POLETTO, I.; CANUTO, A. **Nas pegadas do povo da terra**: 25 anos da Comissão Pastoral da Terra. São Paulo: Loyola, 2002.

Educação Popular: epistemologias, diálogos e saberes

A teologia da libertação e a mística do MST: a luta que transcende a terra

DOI: 10.23899/9786589284314.9

SCHLESINGER, H.; PORTO, H. **Dicionário enciclopédico das religiões**. V. I e II. Petrópolis: Vozes, 1995.

STEDILE, J. P.; FERNANDES, B. M. **Brava gente**: A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.